

O poético que se instaura no vocal: a experiência da criança na linguagem

Marlete Sandra Diedrich*

Resumo

Neste estudo, tematiza-se o papel dos arranjos vocais na vivência, pela criança, de experiências de linguagem que se marcam pela função poética da linguagem. A problemática que move essa reflexão centra-se na seguinte questão: qual o papel dos arranjos vocais na experiência da criança com a língua em sua manifestação poética? Para dar conta dessa problemática, assume-se a perspectiva enunciativa aquisicional, a qual ilumina o olhar para os fatos enunciativos de uma criança na faixa etária de dois anos a dois anos e seis meses, os quais compõem um *corpus* de dados naturalísticos. A análise dos fatos permite afirmar que os arranjos vocais mobilizados pela criança na sua experiência com a língua em manifestações poéticas advêm, principalmente, de esquemas culturais por ela vivenciados em brincadeiras musicadas, as quais são construídas com outras crianças e com adultos, no universo que caracteriza as relações sociais da infância. Logo, a vivência do poético na experiência de aquisição da linguagem abre a possibilidade de a criança experimentar novos modos

de dizer, novas relações com a língua e com o outro, constituindo-se como sujeito do seu dizer.

Palavras-chave: Aspecto vocal da enunciação. Função Poética. Aquisição da linguagem.

Introdução

Em trabalhos anteriores, como em Diedrich (2015, 2017), já discutimos a experiência da criança na linguagem via aspecto vocal da enunciação, reflexões que se originaram da leitura que fizemos da obra de Benveniste (1989, 2005), uma vez que é em textos deste autor que encontramos a referência ao “aspecto vocal da língua” (1989, p. 82), o qual, no discurso, converte-se em as-

* Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, coordenadora do Projeto de Pesquisa *A experiência da criança na linguagem: língua e práticas sociais*.

pecto vocal da enunciação. No presente trabalho, damos destaque à relação existente entre a mobilização do aspecto vocal da enunciação, por meio de arranjos vocais específicos e o seu papel na vivência, pela criança, de experiências de linguagem que se marcam por arranjos poéticos, numa perspectiva de poética apresentada por Roman Jakobson (2007) em seu conhecido texto *Linguística e Poética*.

Partimos do princípio de que a criança, em sua experiência de aquisição da linguagem, vivencia a emissão e a percepção do aspecto vocal da enunciação para entrar no simbólico da língua, inclusive, no que diz respeito às estruturas características da função poética. Com esse olhar norteador, organizamos o trabalho da seguinte forma: inicialmente, apresentamos questões teóricas advindas da leitura que fazemos da obra benvenistiana com o auxílio dos trabalhos de Silva (2009), autora que, a partir de princípios benvenistianos, deriva uma perspectiva enunciativa aquisicional para compreender a aquisição da linguagem pela criança. É a orientação obtida com a leitura desses trabalhos que nos permite apresentar um conceito do que entendemos ser o aspecto vocal da enunciação (DIEDRICH, 2015, 2017). De posse desse conceito, voltamo-nos para a experiência da criança na linguagem e sua relação de interpretação, a qual se revela

fundamental para compreendermos a vivência das relações simbólicas da linguagem e a cultura, as quais se dão a partir de determinados esquemas culturais, sendo a manifestação poética resultado da vivência desses esquemas. Tal constatação nos leva a esclarecer, com base em Jakobson (2007), o conceito de função poética com o qual estamos trabalhando. Na sequência, ocupamo-nos da análise de dois fatos enunciativos, cuja natureza e coleta são também especificadas. Por fim, apresentamos nossas considerações finais na busca de respondermos à questão a que nos propomos: qual o papel dos arranjos vocais na experiência da criança com a língua em sua manifestação poética?

O aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem

Como já informado, ocupamo-nos da linguagem da criança numa perspectiva enunciativa aquisicional, a qual, segundo Silva (2009), considera a criança o *eu* em uma estrutura enunciativa que comporta o *tu* (outro), o *ele* (língua) e o *ELE* (cultura). A criança, assim, desloca-se nessa estrutura porque é constituída pela língua-discurso ao mesmo tempo em que a constitui.

Acreditamos que o *outro* dessa estrutura, ao assumir a criança como alguém que diz, permite a ela se historicizar de

forma singular na linguagem, o que leva a criança a assumir a sua língua e particularizar o seu dizer na mobilização da língua no discurso. Nessa mobilização, a criança traz, em suas enunciações, vestígios da língua-discurso do *outro*, representante da cultura na qual ela está sempre imersa. Acerca da cultura, reportamo-nos à afirmação de Benveniste (2005, p. 31-32, grifo do autor):

Chamo cultura ao *meio humano*, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização.

A cultura, assim, caracteriza a vida humana em todas as suas manifestações e é indissociável da questão da linguagem. Entre o homem, a língua e a cultura há um vínculo que se mantém no simbolismo articulador entre essas entidades, uma vez que a linguagem “manifesta e transmite” a cultura e “pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma” (BENVENISTE, 2005, p. 32), princípio fundamental para entendermos a aquisição da linguagem na perspectiva aqui adotada. É esse princípio que nos permite afirmar que a criança, em sua experiência de aquisição, realiza um deslocamento do geral da língua e da cultura para o particular de sua vivência enunciativa na linguagem. A compreensão da vivência enunciativa por nós assumida parte do seguinte

conceito de enunciação de Benveniste (1989, p. 82): “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, conceito que nos permite entender a língua e sua estrutura como uma entidade geral, à qual toda a comunidade falante, adultos e crianças, tem acesso, com seus valores culturais constituídos, mas que só se realiza na particularidade do dizer de cada falante que a mobiliza, a cada ato enunciativo e de forma sempre singular, na dependência do aqui-agora. Esse deslocamento, portanto, é que caracteriza a relação da criança com o simbólico da linguagem.

Frisamos que o estabelecimento dessa relação se dá desde as primeiras vocalizações da criança, uma vez que a mobilização do aspecto vocal no dizer da criança encontra-se atrelada à emissão e à percepção das vocalizações do outro. Faz-se importante esclarecermos a concepção que temos do que estamos chamando aqui de “aspecto vocal”. A leitura que fazemos da obra de Benveniste, explicitada em Diedrich (2015), nos leva a afirmar que o autor (1989, p. 82) concebe a realização vocal da língua como “o mais imediatamente perceptível e o mais direto” dos aspectos da enunciação. No entanto, como já dito por Flores e Surreaux (2012), não há um aprofundamento do tema na obra do autor. Por essa razão, traçamos nosso próprio percurso em

torno da questão, conforme trabalhos anteriores já mencionados. Nesse percurso, apresentamos uma proposta de abordagem do tema, a qual se inspira, principalmente, na seguinte constatação benvenistiana:

Os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais procedem sempre de atos individuais, que o linguista surpreende sempre que possível, numa produção nativa, no interior da fala (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Convoca nosso olhar investigativo o fato de o autor eleger como tema “os sons emitidos e percebidos”, o que estabelece para nós a relação entre o *eu* e o *tu*, entre o falante e o ouvinte, na clara explicitação da dependência que há entre a emissão e a percepção. No escopo da aquisição da linguagem, conforme já referimos, é a realização vocal da língua na enunciação do outro, em geral, da mãe, que convoca a criança ao sentido, semantizando suas vocalizações, mesmo quando as formas da língua ainda não estão explícitas na manifestação da criança, garantindo a ela o espaço de dizer na singularidade de seu ato individual. A percepção empreendida pelo outro pode ser entendida como um fenômeno que conduz a criança à passagem de não falante a falante e de locutor a sujeito. Tomamos o termo “sujeito” na acepção de Flores (2012, p. 119): “sujeito da enunciação, nessa formulação, não está na origem da enunciação; ele

advém da enunciação”. A formulação do autor apresenta a enunciação como uma espécie de “funil”, por onde o locutor faz passar a língua na tentativa de assegurar um sentido. Dessa forma, o sujeito da enunciação advém do ato de tentar afunilar o sentido, o que, para Flores (2012), produz uma *syntaxe d'énonciation*. Somos conduzidos por esse olhar do autor, o qual, de certa forma, já havia sido apresentado há alguns anos, quando Flores (2005, p. 131, grifo do autor) afirma: “é o movimento do discurso, para não dizer a *enunciação*, que recria indefinidamente o sujeito”. Vemos a experiência de aquisição da linguagem da criança, portanto, como passagem de locutor a sujeito, conforme explicitaremos na sequência deste artigo.

Nessa experiência, o conceito de simbólico exerce importante papel, pois a linguagem é assumida como sistema simbólico em dois planos:

[...] de um lado é um fato físico: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida. De outro lado, é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua “evocação” (BENVENISTE, 2005, p. 30).

Não temos dúvida de que a ideia de emissão e percepção é fundamental para a discussão do aspecto vocal que estamos empreendendo. É na relação com o outro que se dá a comunicação de significados evocada pela emissão vocal, permitindo que o outro acesse, em algum nível e de

alguma forma, os acontecimentos e as experiências compartilhadas, realizando-se o ato de afunilar o sentido referido anteriormente. No caso da criança na faixa etária de dois anos a dois anos e seis meses, esse fato assume grande destaque. Para melhor compreendermos a questão, voltamo-nos para a concepção de aspecto vocal por nós assumida em Diedrich (2015): o aspecto vocal da enunciação manifesta-se no arranjo que afeta, na sintagmatização do discurso, a significação das unidades da língua para a produção de sentidos singulares na relação intersubjetiva constituída entre emissão e percepção.

Assim, o aspecto vocal da enunciação, em nossa pesquisa, está atrelado à realização vocal da língua no discurso, a qual é marcada pelo modo de dizer específico da criança que se apropria das unidades da língua e as enuncia à sua maneira na instância enunciativa, na relação intersubjetiva com o outro da enunciação. A instância enunciativa na qual se dá a realização vocal da língua é responsável pelas singularidades que marcam a emissão e a percepção dos elementos vocais na enunciação. No caso da experiência da criança na linguagem, é importante lembrar que ela se constitui como falante vivendo em sociedade e nela exercendo sua faculdade de simbolizar, por meio da linguagem. Essa vivência se efetiva a cada ato enunciativo, a cada vez que

a criança mobiliza aspectos vocais, os quais, com o outro do dizer, constroem sentidos e unem existências, a exemplo do que afirmou Benveniste (2005, p. 30):

torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa, e não por meio de um sinal como um grito modulado; realiza-se numa determinada língua.

É por meio dessa vivência que se dá o acesso à cultura, ao mundo dos homens, o que permite à criança mover-se nesse mundo e nele ocupar seu espaço. Defendemos a ideia, portanto, de que os arranjos do aspecto vocal da enunciação fazem parte da semântica particular característica da linguagem da criança, a qual permite a relação entre o sistema de signos da língua e a particularidade do discurso. Mas que arranjos são esses e como estabelecem relações significantes? Ao analisarmos os fatos enunciativos da linguagem da criança, ilustraremos a questão.

Antes, no entanto, precisamos esclarecer outro princípio fundamental em nossa abordagem: a ideia de que a evocação de sentidos nas enunciações só é possível em função da relação de interpretância da língua. Benveniste (1989), no texto *Semiologia da língua*, apresenta três tipos de relações entre sistemas semióticos: de engendramento, de homologia e de interpretância. Focalizamos aqui a relação de interpretância, instituída entre um sistema interpre-

tante e um sistema interpretado. É necessário, segundo o autor propõe, que se determine se um sistema semiótico pode se autointerpretar ou se deve receber a interpretação de outro sistema, o que permite falarmos em sistema interpretante e sistema interpretado:

Os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, jamais o inverso. A língua será então o interpretante da sociedade (BENVENISTE, 1989, p. 55).

Outra constatação do autor diz respeito ao fato de que a língua é o único sistema em que “a significação se articula em duas dimensões” (p. 66): comporta simultaneamente a significância dos signos (língua como sistema) e a significância da enunciação (particularidade do discurso). Dessa forma, é possível, segundo Benveniste, reconhecer um segundo nível de enunciação, “em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância” (p. 66). A realização de tais propósitos revela a faculdade metalinguística da língua, que permite a ela interpretar a si mesma.

A partir desse raciocínio benvenistiano, afirmamos, conforme explicitado em Diedrich (2017), que a experiência da criança na linguagem é revelada por meio dos propósitos significantes sobre a significância, os quais se realizam na relação de interpretância da língua em relação aos demais sistemas e em relação a ela mesma, concretizada na

tríade homem-linguagem-cultura. Na vivência dessa tríade, pela criança, o aspecto vocal da enunciação assume papel fundamental. A criança, ao mobilizar arranjos vocais na constituição do discurso, realiza propósitos significantes que procuram dar conta da realidade significante que não apenas a cerca, mas da qual ela faz parte, e os quais se sustentam em outras relações de significância instauradas a cada enunciação. Ao vivenciar essa relação, acreditamos que a criança se historiciza na linguagem, por meio da mobilização de arranjos vocais particulares. Os arranjos vocais, portanto, concretizam, na relação da criança com o outro, os propósitos significantes que só podem ser acessados via língua-discurso e cuja realização garante o deslocamento da criança na cultura. Esse deslocamento não se dá aleatoriamente, mas, conforme afirma Benveniste (1989, p. 27-28):

Do mesmo modo que não falamos aleatoriamente, quero dizer sem quadros, que nós não produzimos a língua fora de certos quadros, de certos esquemas que possuímos, do mesmo modo creio que a arte não se produz também fora de quadros ou esquemas diferentes mas que também existem.

Trabalhamos com a noção de “esquemas”, derivada da leitura que fazemos de Benveniste, como atesta a citação anterior de *Estruturalismo e linguística*. Relacionamos esse raciocínio de Benveniste a outras ideias do autor, explicitadas no mesmo texto:

Tudo o que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistema de valores. Da articulação entre os valores. Muito bem! Esses valores são os que se imprimem na língua (BENVENISTE, 1989, p. 22).

A mobilização de arranjos vocais específicos na enunciação está relacionada, portanto, à vivência, pela criança, de esquemas culturais, por meio dos quais ela vivencia o que Benveniste chamou de “coincidência”:

[...] a língua que é assim a emanção do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supra-individual e coextensiva à toda coletividade. É esta coincidência entre a língua como realidade objetivável, supra-individual, e a produção individual do falar que fundamenta a relação paradoxal da língua com respeito à sociedade (BENVENISTE, 1989, p. 101).

Entre os propósitos significantes vivenciados pela criança em sua experiência de aquisição da linguagem, elegemos aqueles que se voltam para a língua em sua manifestação poética. Logo, vemos essas manifestações ocorrerem a partir de determinados esquemas organizados pelos falantes em suas relações sociais: há, na cultura das sociedades, formas instituídas de organização da manifestação poética, as quais se marcam no semiótico da língua e direcionam o dizer, mas sempre sujeitas às particularidades da enunciação. Entendemos que é justamente essa relação entre o individual e o supra-individual que permite à criança assumir-se como alguém que diz numa língua ainda em aquisição, a partir da

vivência de esquemas culturais, inclusive, a vivência da função poética.

Afirmamos isso com base no que aprendemos com Jakobson acerca da função poética: “o enfoque da mensagem por ela própria, eis a função *poética* da linguagem” (JAKOBSON, 2007, p. 128, grifo do autor). Certamente, não podemos esquecer que o autor apresenta esse conceito para determinar o papel da função poética em relação às demais funções da linguagem, proposta da qual não nos distanciamos, uma vez que vemos na mobilização dos arranjos poéticos da criança uma forma de cumprir também outras funções da linguagem, como a emotiva e a conativa, por exemplo, embora não focalizemos nossa discussão nesta questão específica. Além disso, Jakobson afirma que o estatuto linguístico da função poética reside no fato de que “A função poética projeta o princípio de equivalência do eixo da seleção sobre o eixo de combinação” (p. 130). Ou seja, o que se dá na equivalência da seleção se projeta como determinante no eixo sintagmático da combinação. Além disso, o autor deixa claro que a função poética não serve somente à poesia no sentido estrito do termo, mas a toda manifestação linguística que apresenta esse “pendor” pela construção da mensagem. Ou, como afirma Dessons (2011, p 40), “O ‘poema’ se apresenta como um discurso em que o sujeito se engaja – ao máximo – na busca do que faz dele um

ser de significação”.¹ Pautados nesse olhar é que afirmamos haver relação entre os arranjos vocais da criança e o modo como o poético se imprime em seu dizer.

Na sequência, então, a partir da análise de fatos enunciativos de nosso *corpus* de pesquisa, voltamo-nos para esta questão particular.

A vivência da poeticidade e os arranjos vocais da criança

Não pretendemos, neste artigo, aprofundar a discussão em torno da especificidade do poético no universo dos estudos literários, mas assumir a concepção da função poética já apresentada, para, de posse dela, olharmos para a linguagem da criança e sua relação com o esquema cultural do qual advém sua experiência poética determinante dos arranjos vocais dela característicos. Esse é o caminho por nós trilhado para atingir o objetivo a que nos propomos.

Antes, porém, de nos voltarmos para dois fatos retratados em um recorte enunciativo, esclarecemos que se tratam de dados do nosso *corpus* de pesquisa (DIEDRICH, 2015), de natureza oral, coletados em situação naturalística, compreendendo a faixa etária dos dois anos aos dois anos e seis meses da criança.

Como se trata de uma investigação cuja metodologia é enunciativa e qualitativa, as análises evidenciam a singularidade dos fatos enunciativos e sua relação com a regularidade da língua, sem pretensão de generalização. A criança cujos fatos enunciativos compõem nosso *corpus* é filha única de um casal classe média residente na zona urbana, falantes de língua portuguesa como língua materna. Durante o período de coleta, a criança frequentou escola de Educação Infantil por três meses apenas. Seu convívio diário se dá com a família e com a sua cuidadora.

Destacamos ainda que seguimos as seguintes normas de transcrição: letras maiúsculas marcam tons ascendentes; reticências marcam pausas; as repetições de vogais marcam alongamentos vocálicos; barras marcam interrupções. A linha nomeada de “comentário” apresenta descrições contextuais, enquanto a linha “corpo” diz respeito aos gestos constitutivos do dizer da criança, cuja simultaneidade vem marcada pela sequência de dois pontos (::::).

Recorte 1

Participantes: Dália, Ber e MaR

Data da coleta: 28/10/2012

Idade da criança: 2;5;4 Situação: Dália, Ber e Mar voltam a atenção para uma gata doméstica que entra no quiosque onde eles se encontram.

Mar chÃchÃ SAI PRÁ LÁÁÁ MAROTA. MAROTA NÉ Dáália !?

Dália MAIOOTA MAA-ROO-TAAA

.....

corpo Volta-se para a gata ao falar.

Ber maarootAAA

comentário Ber enuncia a palavra com musicalidade, cantando-a.

Dália marootaa marootaa

comentário Dália também procura impor um ritmo musical ao dizer

Dália di vem :

.....

corpo Dália corre, fugindo da gata

Ber CARA DITATU

Dália CATUTUUU catutuuu catu

.....

corpo caminha atrás do gato

comentário Dália procura captar o enunciado de Ber e enuncia cantarolando.

Fonte: Diedrich (2015).

Neste recorte, apresentado anteriormente para análise de outra natureza em Diedrich (2015), ocupamo-nos de dois fatos enunciativos. O primeiro deles envolve a constatação de que as formas da língua usadas para cumprir a função de nomeação são revestidas, na situação apresentada no recorte, por um caráter particular: a musicalidade. O que era um xingamento, a palavra “marota” referindo-se à gata, passa a ser parte de uma canção, o que nos leva a afirmar que a

função poética se cumpre no dizer. Isso ocorre em função do outro da enunciação. Neste caso, Ber, uma criança de nove anos, estabelece a mudança de sentido, convocando a criança, sujeito de nossa pesquisa, Dália, a essa ação discursiva: revestir a forma dada por um arranjo vocal cantarolado, impondo ao dizer um ritmo novo e inusitado, capaz de *re-novar*² o sentido da palavra marota, a qual, com o novo arranjo, passa a evocar uma certa brincadeira em relação ao animal,

realidade muito presente nos esquemas culturais vivenciados pela criança: as músicas que acompanham as brincadeiras de roda, por exemplo. Acreditamos que esses esquemas das brincadeiras musicadas exercem papel importante na aquisição da linguagem da criança, pela sua relação com o simbólico, pela riqueza da manifestação vocal, pela interação entre sujeitos e, principalmente, porque são evocadas em situações diversas, o que, em nossa pesquisa, entendemos como elemento da historicidade da criança na linguagem.

O segundo fato enunciativo também envolve arranjos vocais musicados, no entanto, não se trata mais de nomeação, mas de uma tentativa, por parte da criança, de jogar o “jogo” (DIEDRICH, 2019) do outro. A criança mais velha, Ber, segue evocando esquemas culturais que têm a musicalidade, o cantarolar como característica fundamental. Faz isso, ao cantarolar “cara de tatu”, sem se dirigir a ninguém em especial, numa espécie de experiência subjetiva e até mesmo catártica, como é comum a crianças e adultos de diversas comunidades: cantarolar músicas por eles conhecidas, músicas que fazem parte da sua cultura, num misto de sentimentalidades, como alegria, saudade,... Poderíamos, inclusive, questionar se o enunciado de Ber se dirige a alguém ou é apenas uma “descarga emotiva” (BENVENISTE, 1989, p. 261). No entanto, Dália perce-

be que há um novo “jogo” sendo jogado na cena enunciativa, o qual já havia sido anunciado anteriormente com o arranjo musicado da palavra “marota”, e, agora, é assumido totalmente por Ber, que insere uma música cujo conteúdo aparentemente nada tem de relacional com o que estava sendo abordado pelos falantes. Dália não titubeia e assume as regras do novo jogo. Mesmo sem reconhecer as formas linguísticas mobilizadas por Ber na cantoria, ela assume o cantar com formas enunciativas que ela arranja no aqui-agora da enunciação. Não são quaisquer formas, são formas que encontram, na emissão de alguns sons, expressos em arranjos consoante e vogal, alguma identificação com o dizer de Ber: CATU – o arranjo CA evoca a forma do enunciado de Ber, CARA; o arranjo TU evoca a forma TATU, numa espécie de relação metonímica entre os enunciados, cumprindo o que afirmou Benveniste acerca do poético:

Na linguagem ordinária, as palavras significam a ideia; na linguagem poética, as palavras iconizam a emoção. O iconizante virá reproduzir, o mais próximo possível, a impressão patética, e o iconizado será, por consequência, um significado tornado presente na imaginação (FENOGLIO, 2019, p. 242).

Além disso, há, no enunciado de Dália, o alongamento vocálico de U que também contribui para que essa relação com a forma seja renovada.

A partir desses dois fatos enunciativos, voltamo-nos para o todo da cena enunciativa retratada no recorte: ela envolve a criança sujeito de nossa pesquisa, com dois anos, cinco meses e quatro dias; a criança mais velha, de nove anos; e um adulto. Há um movimento na interação que parte do enunciado do adulto, o qual estabelece uma certa relação de sentidos na cena enunciativa, no intuito, aparentemente, de levar a criança a xingar a gata a fim de que o animal deixe o local; no entanto, com os enunciados da criança mais velha, Dália se afasta do evento primeiro, o do adulto, e busca se aproximar, por meio da mobilização de arranjos vocais específicos para este aqui-agora, do dizer da outra criança. O caminho discursivo que Dália encontrou foi a mobilização de arranjos vocais cantarolados, no intuito de criar uma certa identificação com o enunciado do outro e participar dessa nova interação que se anuncia. Não vamos discutir neste artigo a questão da identificação entre crianças, porque isso exigiria outro aporte teórico, mas certamente é tema possível de ser abordado a partir dos dados que constituem nosso corpus de pesquisa; temos, assim, a intenção de a ele voltar em investigações futuras. Por ora, esse movimento de afastamento e aproximação vivido pela criança nos possibilita olhar para o poético retratado em suas enunciações como um elemento muito particular no aqui-agora, cuja vivência é capaz de apresentar à criança

novas possibilidades de se relacionar com as formas da língua e com o *outro* em suas relações sociais.

Considerações finais

A análise dos dois fatos enunciativos nos permite afirmar que:

- a) Os arranjos vocais mobilizados pela criança na sua experiência com a língua em manifestações poéticas advêm, principalmente, de esquemas culturais por ela vivenciados em brincadeiras musicadas, as quais são construídas com outras crianças e com adultos, no universo que caracteriza as relações sociais da infância.
- b) Os arranjos vocais observados indicam que o ritmo, os alongamentos que revestem as formas discursivas mobilizadas pela criança na particularidade do discurso exercem importante papel na compreensão da função poética e do seu poder de ressignificação no discurso: ao usar as formas musicadas e impor uma certa poeticidade ao dizer, revelada em movimentos de construção de sentidos singulares, como a relação metonímica entre os sons da língua, a ruptura com a regularidade do discurso e a imposição de um modo de dizer completamente novo e particular, a

criança estabelece novas relações enunciativas na interação, seja com crianças, seja com adultos.

- c) A possibilidade de a criança estabelecer novas relações enunciativas, via arranjos vocais de natureza poética, garante a ela a passagem de locutor a sujeito da enunciação. Isso se dá em função do deslocamento do valor das formas do semiótico, domínio no qual uma entidade é reconhecida como signo, para o semântico, domínio no qual há a comunicação intersubjetiva da experiência singular de cada enunciação, por meio da qual o sentido se realiza formalmente pelos arranjos vocais que integralizam formas da língua.

Por fim, os resultados obtidos na análise nos levam a destacar o fato de que, na relação de emissão e de percepção dos arranjos vocais, a criança evoca acontecimentos, experiências, significados que trazem marcas de esquemas culturais característicos da sociedade em que ela vive e que, na enunciação, são revestidos de novos elementos significantes, dada a particularidade do discurso. A vivência do poético na experiência de aquisição da linguagem abre a possibilidade de a criança experimentar novos modos de dizer, novas relações com a língua e com o outro, pois, por estar imersa em esquemas culturais, e o poético é um deles, a criança instaura-se, via arranjos vocais

constitutivos dos atos de emissão e de percepção, na língua, para se singularizar como sujeito de/na linguagem.

The poetic that is established in the vocal: the child's experience in the language

Abstract

The theme of this research is the role of the child's vocal arrangements in the language experiences, that is marked by the poetic function of language. The issue that moves this reflection focuses on the following question: what is the role of vocal arrangements in the child's experience with language in its poetic manifestation? In order to deal with this problem, the acquisitional enunciative perspective is assumed, which illuminates the look at the enunciative facts of a child in the age range of two years to two years and six months, which make up a corpus of naturalistic data. The analysis of the facts allows to affirm that the vocal arrangements mobilized by the child in his experience with the language in poetic manifestations come mainly from cultural schemes that its experienced in his musicized plays, which are built with other children and with adults, in the universe that characterizes the social relations of childhood. Therefore, the experience of the poetic in the experience of language acquisition opens the possibility for the child to experience new ways of saying, new relations with the language and with the other, constituting himself as the subject of his speech.

Keywords: Vocal aspect of enunciation. Poetic function. Language acquisition.

Notas

- ¹ No original: “Le ‘poème’ se présent[e] comme un discours où le sujet s’engage – au maximum – dans la recherche de ce qui fait de lui un être de signification.”
- ² Conforme atestado por Dessons (2006), o prefixo *re-* marca, nos estudos benvenistianos, assume um duplo valor; a saber: por um lado, refere a iteração, ou seja, o que acontece novamente; de outro lado, refere a ideia de invenção, de novidade.

Referências

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989.
- DESSONS, G. *Le poème*. Paris: Armand Colin, 2011
- DIEDRICH, Marlete Sandra. Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. 147f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2015.
- DIEDRICH, Marlete Sandra. A interpretação da língua em relação às funções inter-humanas do discurso na aquisição da linguagem via aspecto vocal da enunciação. *DELTA*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 497-517, jun. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502017000200497&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445012762971994565>.
- DIEDRICH, Marlete Sandra. A criança e a vivência das regras de interação na conversação. *Domínios de Linguagem*, v. 14, n. 1, p. 218-234, 11 fev. 2020.
- FENOGLIO, Irène. *Émile Benveniste: a gênese de um pensamento*. FLORES, Valdir do Nascimento, GALINDEZ, Verônica, ROSÁRIO, Heloísa Monteiro (org.). Brasília: Editora UNB, 2019.
- FLORES, Valdir. Por que gosto de Benveniste?. *Revista Desenredo*, v. 1, n. 2, 13 ago. 2009. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/492>. Acesso em: 9 fev. 2020.
- FLORES, Valdir. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUC SP. Impresso), 2013, v. 29, p. 95-120.
- FLORES, Valdir & SURREAUX, Luiza Milano. A voz e a enunciação. In.: NEUMANN, Daiane; DIEDRICH, Marlete Sandra. *Estudos da linguagem sob a perspectiva enunciativa*. Passo Fundo: Méritos, 2012.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.
- SILVA, Carmem Luci da Costa; FLORES, Valdir do Nascimento. A significação e a presença da criança na linguagem. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 133-149, jun. 2015.
- SILVA, Carmem Luci da Costa; OLIVEIRA, G. F. A apropriação de noções culturais pela criança: uma experiência de significação na língua-discurso. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 52, p. 402-420, 2016.